

A COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE MÍDIA DIGITAL: Um olhar a partir de universitários da cidade de Sinop - MT

Gabriela Scroczyński Fontes¹

Resumo: Este trabalho reúne alguns resultados e discussões presentes na dissertação de mestrado da autora – uma pesquisa etnográfica a respeito da criação e manutenção de vínculos sociais por parte de estudantes da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, da cidade de Sinop – MT. A proposta deste artigo é apresentar uma discussão sobre as características do tempo presente e sua relação com a tecnologia de comunicação digital, assim como expor de que forma e com que intenção os estudantes pesquisados utilizam os novos dispositivos e ferramentas de comunicação digital em seu cotidiano. Este estudo constatou que tais dispositivos e ferramentas de comunicação são instrumentos importantes no que se refere à manutenção de vínculos sociais dos estudantes, pois possibilitam o estar junto, mesmo que distante, contudo eles querem e preferem os encontros físicos, o estar junto face a face.

Palavras-chave: Mídia digital; Comunicação; Práticas sociais.

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado foi produzido a partir de resultados e discussões realizadas na dissertação da autora, intitulada A criação de vínculos sociais: um olhar a partir de universitários da cidade de Sinop – MT. Contudo, neste artigo, o objetivo é esclarecer de que forma os estudantes da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, da cidade de Sinop, sujeitos da pesquisa, se apropriam e se utilizam dos novos dispositivos e ferramentas de comunicação em seu cotidiano; visando, dessa forma, contribuir com o registro histórico da mídia digital, naquilo que diz respeito aos processos (re)configuração tanto de espaços quanto de práticas e relações sociais possibilitadas por tal sistema de comunicação social nos dias atuais.

No tempo presente, as cidades, principalmente os espaços urbanos, se modificam constantemente e ganham mais destaque enquanto espaços de fluxo de comunicação, o atual modelo de cidade, a *cibercidade*, consiste numa fusão entre os espaços físicos e virtuais, possibilitada a partir da internet e das diversas ferramentas e dispositivos móveis de comunicação. Nesse sentido, os avanços tecnológicos e as novas possibilidades de conexão e comunicação geram inúmeras perspectivas de relacionamento, de se fazer presente no meio social e de se relacionar com a nova estrutura de espaço urbano que vem se formando, assim como com o espaço digital.

Tais características vão ao encontro da forma como Bauman (2001) enxerga e analisa esse tempo presente, que é designado por ele como ‘modernidade líquida’ – uma oposição à ‘modernidade sólida’. Ele explica que “[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. [...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la.” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Segundo o autor, o período atual é marcado por uma sociedade que vive em meio a uma quantidade infinita de possibilidades e oportunidades a serem exploradas e isso leva a um processo constante de escolhas, mudanças e adaptações. Nessa estrutura social quase nada é predeterminado ou irrevogável e que “Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma

¹ Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Docente do curso de graduação em Jornalismo na Faculdade Fasipe, em Sinop – MT. gabrielasrf@hotmail.com

deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre.” (BAUMAN, 2001, p. 74). Tudo muda/evolui rapidamente – os avanços tecnológicos, por exemplo –, o indivíduo que não acompanha essas mudanças acaba ficando de fora desse processo, no sentido de não conseguir participar e/ou usufruir, em sua completude, de certas possibilidades e oportunidades que surgem.

Na visão de Bauman (2001) esse cenário de mudanças, infinitas possibilidades e de busca pela evolução está ligado a um sentimento de insatisfação presente nos indivíduos. A constante evolução é responsável pela existência das possibilidades, de tudo aquilo que é novo e, conseqüentemente, desejado pelo indivíduo, que está sempre insatisfeito com aquilo que o cerca e tentando satisfazer seu desejo pelo novo.

Tal situação faz com que emergja uma cultura do efêmero, afinal se sempre existe algo novo, nada mais precisa, obrigatoriamente, durar ‘para sempre’. E isso se refere tanto à características e elementos mais subjetivos, quanto a aspectos e objetos da vida cotidiana. Se o indivíduo achar necessário, é possível mudar facilmente de postura, de aparência, etc., e os objetos se tornam descartáveis à medida que se tornam ultrapassados em pouco tempo, como é o caso dos aparelhos celulares e computadores. Além disso, nesse período adquiriu-se uma outra noção de tempo. As tecnologias da comunicação têm participação tanto nesse mudança de noção de tempo, quanto na de espaço, pois permitem a comunicação e o fácil acesso à informação de uma maneira rápida, independentemente do local em que a pessoa esteja.

A tecnologia tem uma participação tão importante nos dias de hoje que Maffesoli (2001, p. 21) chega a dizer que uma possível definição para o período atual poderia ser “a sinergia de fenômenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico.”. Tal sinergia apontada por Maffesoli, essa participação da tecnologia na vida cotidiana, fez com que surgisse a cibercultura. Hoje, é impossível pensar em tecnologia e em fluidez de comunicação sem relacionar isso à internet e demais tecnologias móveis de comunicação e, conseqüentemente, à cibercultura.

Lemos (2008) compreende a cibercultura como um produto daquilo que pode ser considerado a essência do mundo contemporâneo, pois tem como principal característica a incorporação das novas tecnologias – podendo dar destaque, aqui, às tecnologias da comunicação – nas práticas socioculturais. Ou seja, a cibercultura permite que haja uma apropriação social da tecnologia. O autor ainda afirma que

A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais, vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamamos de cibercultura. Hoje podemos dizer que uma verdadeira estética do social cresce sob nossos olhos, alimentada pelas tecnologias do ciberespaço. [...] as novas tecnologias tornam-se vetores de novas formas de agregação social. (LEMOS, 2008, p. 15-16).

O autor também destaca que essa penetração das tecnologias na vida cotidiana e a apropriação social da tecnologia acaba por facilitar a aproximação e a manutenção de relacionamentos entre as pessoas. Segundo ele,

As novas tecnologias parecem caminhar para uma forma de onipresença, misturando-se de maneira radical e quase imperceptível ao nosso ambiente cultural através do devir micro (tornar-se invisível) e do devir estético (tornar-se belo). Este movimento vai, como veremos, aproximar a tecnologia contemporânea do prazer estético e do compartilhamento social. (LEMOS, 2008, p.17).

A cibercultura proporcionou a coexistência entre o real/físico/material com o virtual/digital² e Lévy (1999) a define como sendo um movimento social e cultural, propagado

² Cabe esclarecer que aqui não se está utilizando o termo *virtual* no sentido de potência, de devir. E sim seguindo a visão de Sodré (2012) de compreender o virtual, como a realidade de um espaço artificial, que não é físico, possibilitados pela tecnologia.

pelo ciberespaço, que tem se tornado cada vez mais potente e vigoroso.

Sodré (2012) destaca que são muitas as transformações sociais que vêm ocorrendo no tempo presente, ocasionadas por essa interação entre as formas de representação da realidade novas e as tradicionais, principalmente no que diz respeito ao espaço público, que acaba por influenciar a movimentação dos indivíduos.

Além disso, Lemos (2005) explica que a cibercultura também é caracterizada por três leis fundadoras: a liberação do polo da emissão, o princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais. De acordo com o autor, essa lei da liberação do polo da emissão somada ao o princípio de rede e a conexão generalizada são os causadores da grande diferença entre a mídia clássica e a digital. Pois este três fatores são responsáveis pela mudança da ordem comunicacional, agora todos podem se tornar emissores de qualquer tipo de informação ou mesmo opinião sobre os mais diversos assuntos e acontecimentos. No ciberespaço não há censura ou limites espaço-temporais.

Ainda cabe dizer que a infraestrutura tecnológica já se tornou algo comum e até é considerada como essencial para a realização de serviços e manutenção da vida social na maioria das cidades. Hoje, sem a internet, por exemplo, ações como transações bancárias, o acesso a determinadas informações e a própria comunicação entre as pessoas seriam comprometidas. Para Lévy (2005),

As mídias não se ligam mais a um público localizado, mas a uma comunidade virtual distribuída por toda a parte no mundo de ouvintes, expectadores, leitores, contribuintes. Assim, as singularidades locais universalizam-se e todos os pontos de vista estão virtualmente presentes em cada ponto da rede. (LÉVY, 2005, p. 373).

Lévy (2005, p. 374) ainda esclarece que o ciberespaço é, potencialmente, mais inclusivo que os meios de comunicação tradicionais, afinal “Ele permite a expressão pública a todos os indivíduos, grupos, instituições e comunidades, inclusive as comunidades (comunidades virtuais) não existentes anteriormente.”

E, além disso, Lemos (2008) afirma que as tecnologias estão se misturando de uma maneira quase imperceptível, porém muito intensa, ao ambiente sociocultural contemporâneo, de tal forma que leva a pensar que logo estará presente por toda a parte. Tanto que o autor afirma que “A virtualização do mundo afeta de forma irreversível a sociedade contemporânea. A partir da possibilidade de virtualização do mundo, tudo está disponível (possível) a uma requisição digital.” (LEMOS, 2008, p. 166).

A CIDADE EM TEMPOS DE CIBERCULTURA

É possível dizer que a cidade contemporânea recebe influência da cibercultura. E essa “nova” cidade tem o ciberespaço enquanto nova rede técnica e as diversas formas de sociabilidade *online* formam uma nova rede social. A união e constante mudança dos elementos das redes técnicas e sociais são responsáveis pelas mudanças nas cidades.

Esse novo modelo de cidade - cidades digitais, cibercidades, cidade-ciborgue – consiste numa fusão entre os espaços físicos e virtuais, possibilitada a partir da internet, do ciberespaço e das diversas ferramentas e dispositivos móveis de comunicação que possibilitam que se conecte a ela. Segundo Souza e Jambeiro (2005),

A partir das novas tecnologias das redes digitais de informação e comunicação, que penetraram no Estado e na Sociedade Civil, constituíram-se novas formas de interatividade, que interligaram diferentes sujeitos em pontos distintos de espaço e tempo. As cidades informacionais são formas de interações do espaço urbano com estas redes digitais de comunicação e informação. (SOUZA E JAMBEIRO, 2005, p. 10).

Eles ainda afirmam que a relação entre cidades e o ciberespaço pode ocorrer de diversas formas, como pela relação entre comunidades territoriais com comunidades virtuais, assim como “por meio da *substituição* das funções da cidade clássica pelos meios técnicos do ciberespaço.” (SOUZA, JAMBEIRO, 2005, p. 5, grifo do autor).

A possibilidade de se fazer compras e transações bancárias em casa, utilizando a internet, pode servir como exemplo de serviços que anteriormente só eram oferecidos em espaços reais nas cidades e que hoje também estão presente no espaço virtual. Ou seja, a presença física já não é mais necessária para exercer algumas atividades ou ter acesso a certos serviços. Quando se fala em cibercidades é necessário compreender que

Não se trata da emergência de uma nova cidade, ou da destruição das velhas formas urbanas, mas de reconhecer a instauração de uma nova dinâmica de reconfiguração que faz com que o espaço e as práticas sociais das cidades sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas. (LEMOS, 2004a, p. 2).

A cibercidade se torna um ponto de convergência e dispersão de informações, que através da tecnologia da informação e comunicação consegue conectar o local ao global. Lemos (2007) destaca que a sociedade contemporânea está passando por uma reconfiguração social que implica na criação de novas possibilidades de sentido para o espaço das cidades, tanto que leva até a uma outra noção de cidadania, esta

[...] passa hoje por esse sentimento de conexão generalizada. Esta é o que caracteriza as cidades contemporâneas pela nova dinâmica instaurada pelas redes telemáticas. O ciberespaço nos faz emissores de informação e nos coloca em pleno nomadismo *high-tech*. Participar, ser cidadão hoje, é estar conectado. (LEMOS, 2003, p. 2).

Nesse sentido, cabe dizer que essa nova estrutura de cidade possui uma sociedade que tem sua atenção voltada para a comunicação, para o contato com o outro, para a interação. A noção de pertencimento a essa sociedade passa pela necessidade de se estar, quase a todo o momento, conectado ao mundo, emitindo e consumindo informações. As pessoas buscam facilitar o acesso do outro a elas e estão em constante interação umas com as outras. Em relação a isto, Lemos afirma que

[...] na cidade-ciborgue da era pós-industrial ser excluído significa não ter instrumentos materiais e/ou cognitivos para surfar o mundo do ciberespaço, para interagir de forma autônoma com o fluxo cada vez mais crescente de informações digitais em rede. (LEMOS, 2004b, p. 143).

A tecnologia de internet *wi-fi*, internet móvel, celulares, tablets e outros equipamentos portáteis que possuem acesso à internet são responsáveis por possibilitar essa constante conexão. Conforme Pellanda (2009, p.12), “Para a navegação em páginas da web, aparatos como o *iPhone* começam a viabilizar o acesso ubíquo e outros *smartphones* seguem o caminho aumentando a competição.”

Por meio de equipamentos móveis com acesso à internet, as pessoas podem estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Durante um momento de lazer em um bar a pessoa pode também estar fazendo compras em lojas e compartilhando informações em *sites* de redes sociais, por exemplo. Ou seja, essas tecnologias móveis de comunicação possibilitam conexão entre real e virtual. Segundo Bauman (2001),

[...] o advento do telefone celular serve bem como ‘golpe de misericórdia’ simbólico na dependência em relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que um ordem seja dada e cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem – a diferença entre ‘próximo’ e ‘distante’, ou entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer. (BAUMAN, 2001, p. 18).

Martín-Barbero (2005, p. 63) contribui com essa discussão ao dizer que hoje se vive a emergência de novas sensibilidades que está ligada à cibercultura; e que a tecnologia da comunicação, ao possibilitar novos processos e práticas de comunicação, acaba por causar “profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: nos modos de estar junto e tecer laços, nas identidades que plasmam tais mudanças e nos discursos que socialmente os expressam e legitimam.” As pessoas facilitam o acesso do outro a elas e estão em constante interação. E é imprescindível que essas ações ocorram da maneira mais rápida possível, pois a novidade se torna notícia velha em poucos minutos.

Diante desse cenário aqui exposto, não seria muita ousadia dizer que as cidades “travariam” sem os diversos equipamentos e ferramentas que hoje a caracterizariam como uma cibercidade e que tendo à mão um celular com capacidade de acesso à internet, uma pessoa pode se sentir, praticamente, em casa, mesmo estando longe dela. Afinal, como afirma Pellanda (2009), o celular, hoje, é uma casa móvel.

A COMUNICAÇÃO NO TEMPO PRESENTE

Na perspectiva cultural, que orienta este estudo, a comunicação é compreendida enquanto compartilhamento, como um sistema de significação e um processo simbólico. Ou seja, diversos aspectos/elementos da vida cotidiana são vistos como comunicação. Uma festa, por exemplo, possui uma reunião de símbolos - com o estilo de música, decoração, característica dos convidados – que comunicam/indicam muito a respeito da celebração em si, assim como dos participantes. Nesse sentido, Sodré explica que:

Em latim, as palavras *communitas*, *communio* e *communis* (*cum* é o que liga ou reúne, *munus* é cargo ou serviço que se presta ao outro) referem-se à ideia de pôr uma tarefa em comum, ou seja, dispô-la como possibilidade de realização a mais de um, o que implica o coletivo (*koinos*, *koinonia*, em grego), oposto a particular. (SODRÉ, 2012, p. 224).

Ao falar sobre perspectivas de comunicação, Martín-Barbero mostra que as “pessoas se comunicam e investem muito mais tempo na comunicação familiar, na comunicação no trabalho, na comunicação no bairro, na comunicação religiosa, na comunicação festiva, na comunicação lúdica.” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 150). Ou seja, investem tempo naquilo que as vinculam socialmente.

Tal observação vai ao encontro da visão Maffesoli (2003) possui em relação à comunicação, afinal ele a compreende como o elo existente entre os indivíduos, como “cimento social”. Para o autor, a comunicação tem o sentido de estar junto; de partilha de emoções, informações e sentimentos; de estabelecer contato com outro(s) indivíduo(s).

Silva (2004) segue essa mesma linha de pensamento e esclarece que a comunicação pode sim ser entendida como disseminação e consumo de mensagens, contudo ela tem um sentido mais amplo e, porque não, mais profundo que esse. Silva (2004, p. 44) mostra que a comunicação é carregada de valores e investimentos emocionais, que “comunicar implica ir ao encontro do outro, sair de si, buscar a interface, atuar na zona de interação.”

Nos dias atuais, a comunicação, o estar-junto não ocorrem apenas face a face e/ou em espaços concretos. Segundo Lévy (2005, p. 370), “Os grupos e as pessoas possuem cada vez mais um ‘corpo informacional’ constituído por seus *websites*, por seus agentes em software e pelo conjunto de informações e mensagens a eles referenciadas que circulam no ciberespaço.” Ou seja, além do corpo físico, as pessoas passaram a ter um “corpo” no ciberespaço, já que elas se fazem presentes nele através das diversas informações que lá existem sobre elas, das ações que realizam nele, assim como das relações que lá estabelecem e/ou mantêm.

Isso significa que com o auxílio da tecnologia da comunicação – destacando aqui a

internet; a expansão da rede *wi-fi*, que possibilita o acesso à internet para uma maior quantidade de pessoas em diferentes locais; e os aparelhos de comunicação móvel – as pessoas, os grupos, podem se reunir, estar-juntos, compartilhar informações, mesmo não estando face a face em um ambiente físico. Tal encontro pode ocorrer em algum dos diversos sites de rede social, blogs, fóruns de discussão ou também por meio de conversas através de programas de mensagem eletrônica mediados tanto por computadores quanto por celulares, como o *Skype* e o *WhatsApp*³.

Tal situação se tornou possível porque, de acordo com Sodré, ocorreu uma revolução da informação – com auxílio da tecnologia da comunicação – que gerou uma maior circulação de coisas pelo mundo e provocou uma certa ilusão da ubiquidade humana. E o autor também explica que essa situação “implica uma forma nova de vida, com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros para a constituição de identidades. Dispõe, conseqüentemente, de um potencial de transformação da realidade vivida.” (SODRÉ, 2012, p. 23).

Como exemplo dessa nova forma de vida, Nicolaci-da-Costa (2006, p. 57) cita o fato de o uso dos celulares terem modificado a organização e a administração da vida familiar, pois o celular possibilita que se tenha um controle sobre os acontecimentos domésticos e dos membros da família mesmo estando longe. Porém ela salienta que “as formas de usar essa nova tecnologia são altamente sensíveis a características culturais, etárias e profissionais e, portanto, não são passíveis de generalização.”

A mesma autora esclarece que a mobilidade, instantaneidade, personalização e o acesso direto às pessoas possibilitados pelo celular, geram uma forte rede de sociabilidade. E que o fato de as pessoas estarem sempre em contato umas com as outras dá a elas a sensação de que estão acompanhadas, de que, de alguma forma, estão presentes em algum lugar. E é justamente nesse sentido que Sodré (2012) define as tecnologias da comunicação como sendo dispositivos geradores de real.

Nesse sentido, as relações estabelecidas e/ou mantidas com o auxílio de aparelhos e ferramentas de comunicação móvel, não devem ser vistas como secundárias ou de menor qualidade, mas sim complementares as relações face a face. A ideia é encarar a tecnologia de comunicação móvel não como algo que veio para acabar com o estar-junto físico e sim para possibilitar um estar-junto mesmo quando se está distante.

RESULTADO DA PESQUISA: Perfil comunicacional dos universitários

Visando atender ao objetivo proposto neste artigo – esclarecer de que forma os estudantes da UNEMAT, da cidade de Sinop, se apropriam e se utilizam dos novos dispositivos e ferramentas de comunicação em seu cotidiano – uma das informações obtidas por meio das entrevistas com os estudantes diz respeito aos meios que utilizam para obter informações. Como já era esperado pela pesquisadora, os entrevistados disseram que o principal meio utilizado é a internet. Segundo a estudante LSF, 31,

A internet hoje ocupa um espaço muito grande nessa questão de informação. Porque a televisão, você tem que estar em lugar que tenha a televisão e que possa sentar e assistir à televisão. A internet não, você pode acessar enquanto estiver trabalhando, você acessa um site de notícias e rapidinho você lê e fica inteirado.

Os sites, que possuem mais notícias de âmbito nacional e mundial, mais citados foram G1, Uol, Folha de São Paulo e MSN. Entretanto o Facebook também foi bastante citado como espaço de obtenção de notícias, conforme FAR, 27, “O Facebook também traz [notícias], hoje o cara posta alguma coisa interessante lá para compartilhar. Então acho que é o principal

³ Aplicativo que permite a troca de mensagens, fotos e vídeos pelo celular; seu funcionamento está condicionado a existência de sinal de internet.

meio de trazer notícias, pra me informar.”.

Além de sites e programas voltados à divulgação de notícias, os entrevistados falaram que têm o costume de assistir vídeos pelo *YouTube*, seriados e filmes – pela televisão ou então baixados da internet –, também disseram acompanhar blogs e sites tanto de conteúdo humorístico, quanto aqueles com assuntos relacionados ao estudo.

No que se refere ao Facebook, antes do início das entrevistas, a pesquisadora imaginava que ele pudesse servir como uma ferramenta utilizada pelos sujeitos que contribuísse para a criação de laços, afinal esse site de rede social possibilita o acesso a diversas pessoas. Contudo, os alunos mostraram que não utilizam essa ferramenta com tal intuito, o Facebook é utilizado apenas por facilitar o contato e colaborar com a manutenção de vínculos existentes. Uma aluna esclarece que

Pra conhecer pessoas, tem que ir para algum lugar. Eu não gosto desse negócio de contatinho por rede social, que a pessoa tem Facebook e tem mil amigos, mas aquele amigo que você tem lá passa por você e nem fala, pra mim isso é muito esquisito. Pra mim tem que ter um corpo a corpo. Por exemplo, você sai pra algum lugar, encontra alguém que te apresenta para outra pessoa, aí você já tem uma afinidade, aí depois quando você vai sair você fala: chama fulano que é legal e tal. As relações pessoais mesmo, não aquele negócio de estar adicionando nisso ou naquilo outro. (LLBM, 33).

Em relação à utilização do Facebook para a manutenção das relações sociais, os estudantes dizem que:

Pesquisadora: *Você tem Facebook? Por quê?*

DCT, 28 - *Tenho sim, quem não tem hoje em dia? Eu tenho para manter contato com amigos e parentes que não moram aqui, primeiro de tudo é isso, segundo porque é uma ferramenta boa pra trabalho ainda.*

Pesquisadora: *Porque você criou um perfil no Facebook?*

ALB, 18: *Eu fiz porque é necessário hoje. Por exemplo, na faculdade tem um grupo no Facebook e é necessário para se comunicar, um avisar o outro; para você encontrar uma pessoa que você encontrou há muito tempo atrás também. E uso para conversar mesmo.*

Pesquisadora: *E por que você tem Facebook?*

JFMO, 22: *Porque todo mundo tem [risos]! É um modo de interação com as pessoas. Igual hoje uma amiga minha estava na academia e eu estava dentro da sala de aula, estava no celular e vi que ela tinha mandado uma notificação pra mim, então eu já entrei, já vi, já respondi, no momento que eu tive um tempinho.*

Embora os entrevistados tenham citado pontos positivos sobre a utilização do Facebook, boa parte deles fez críticas relacionadas à postura de algumas pessoas nesse ambiente virtual, assim como também houve quem criticasse a utilização da ferramenta e quem expusesse que o fato de participar do site, às vezes, atrapalha o dia a dia.

Pesquisadora: *Hoje em dia, as pessoas estão criando o hábito de postar imediatamente comentários ou fotos do momento em que estão vivendo. O que você pensa sobre isso?*

ALB, 18: *Sei lá, acho que isso é querer se mostrar para os outros. Parece que é uma carência que a pessoa tem, pra divulgar ela própria.*

Eu acho que eles [adolescentes alunos dela] sempre usam o Facebook pra ter uma aparência que eles não têm, pra ser aquilo que eles não são, então as próprias pessoas que fazem isso acabam se prejudicando. Porque é uma forma de fuga, eu encaro dessa forma. (AMSL, 29).

Eu acho que aquilo ali [Facebook] atrapalha muito a vida da pessoa. Primeiro lugar, quem estuda, eu trabalho e estudo, se eu for gastar meu tempo com Facebook, eu não

estudo, aí já dificulta a minha vida por esse lado. Aí também nas amizades, como eu falei pra você, tem gente que tem mil amigos no Facebook, mas você vai olhar, na real, ele não tem um, tem mil adicionados, mas amigo ele não tem um. Acho que a maioria das pessoas usa aquilo ali para mostrar uma coisa que não é, pra alguém que não se importa com ele. Acho uma futilidade mesmo. Acho que é uma ferramenta muito poderosa, que poderia ser usada para outra coisa, mas infelizmente acabou virando em futilidade. Não tenho tempo para isso, não. [Risos]. (LLMB, 33).

MMSA, 22: *E eu tenho que fazer promessa direto, ainda mais quando eu tenho muita prova, aí eu falo que vou ficar uma semana sem Facebook, mas eu só consigo se eu fizer promessa, se eu não fizer a promessa...*

Pesquisadora: *Como se sente durante esses dias em que está fazendo promessa?*

MMSA, 22: *É engraçado que eu fico tranquila, eu me sinto livre, sabe? Porque o Facebook meio que me aprisiona, me causa uma ansiedade muito grande, porque eu sinto a necessidade de estar olhando o tempo todo.*

Sobre a utilização de celulares, com seus recursos e aplicativos, esta segue uma linha parecida com a da utilização do Facebook. Os alunos contaram que utilizam tal ferramenta de comunicação móvel com o intuito de manter contato, tanto que, apesar da oferta de diversos aplicativos e funções, eles disseram que utilizam o celular para fazer ligações; enviar mensagens, tanto SMS, mas principalmente por meio do aplicativo WhatsApp; e acessar à internet, muitas das vezes para dar uma olhada no Facebook.

Um fato intrigante é que a maioria dos estudantes disse que não se importa muito com o celular, que não fica mexendo nele a todo o momento. Porém durante as entrevistas, na maioria das vezes, o celular estava próximo e houve até quem atendesse ligações ou respondesse mensagens no meio da entrevista.

Dos 13 alunos entrevistados, apenas dois falaram abertamente sobre sua relação com o celular e com aquilo que ele proporciona. O aparelho está tão presente no cotidiano deles, que até poderia ser encarado como uma extensão de seus corpos, ele já faz parte deles. Durante a conversa, os estudantes contaram que

Pesquisadora: *Falando em celular, onde ele fica ao longo do dia?*

JFMO, 22: *Dentro do meu bolso. Eu me sinto nu quando estou sem celular, inclusive hoje, ele estava carregando na secretaria, logo no final da aula estava começando a acabar a bateria, aí ele veio a terminar de carregar agora no começo da tarde, aí sabe quando você fica assim: aí meu Deus, quem está mandando mensagem, será que alguém está me ligando? [...] Eu sou muito ligado, eu sou viciado no telefone.*

Pesquisadora: *Onde fica o seu celular ao longo do dia?*

MMSA, 22: *Fica o tempo todo do meu lado. Se eu vou almoçar, vou pro quarto, tá do meu lado, se eu vou para o banheiro, vai pro banheiro comigo.*

Pesquisadora: *E na hora de dormir?*

MMSA, 22: *Fica debaixo do meu travesseiro.*

Pesquisadora: *Por quê?*

MMSA, 22: *Ah, não sei. Acho que virou mania, toda a hora eu fico mexendo nele. Nem ouço nada, mas vou lá pra ver se tem alguma coisa, uma atualização, um sinalzinho de quem alguém falou comigo, fico esperando alguém falar comigo.*

Pesquisadora: *E você tem amigos que são assim também?*

MMSA, 22: *Sim. São todos loucos! (risos). Eu não sei se a sensação deles é a mesma que a minha, que parece que você está preso ao celular, ao Facebook, mas comigo é assim. E eu não tenho muito o que questionar, o que falar, porque eu sou igual, né?*

Nicolaci-da-Costa (2006, p. 70) explica essa situação vivida pelos estudantes, segundo a autora, “Sem acesso a ela [rede de comunicação], sentem-se [os jovens] excluídos do convívio de seus pares e enfrentam uma nova, mas não menos dolorosa, forma de solidão.”

Apesar da maioria dos alunos ter apresentado uma postura de desprendimento em

relação ao celular. Todos disseram que não desligam o aparelho em nenhum momento do dia, que no máximo ele pode ficar meio esquecido enquanto estão em casa.

Ao dizerem os motivos pelos quais mantêm o celular ligado e sobre a importância de usar esse aparelho, alguns mencionaram a vontade de estar disponível para conversar ou trocar mensagens com amigos, mas a família esteve mais presente nas respostas. Existe uma preocupação em estar sempre disponível para atender aos pais e familiares, o celular é uma ferramenta de ligação entre eles e as pessoas mais próximas.

Pesquisadora: *E porque você fica o tempo todo com o celular ligado?*

ALB, 18: *Para me comunicar com os outros. Por exemplo, meu pai, minha mãe, meus amigos, é necessário.*

Pesquisadora – *Existe algum momento do dia, alguma situação que te faça desligar o seu celular? Por quê?*

AMSL, 29 – *Não! É porque é toda hora alguma mensagem de alguém; a minha irmã tem uma criança pequena, meu sobrinho, com quem eu me preocupo, então as vezes é uma mensagem, né? Ou as vezes é um comentário, uma piadinha.*

Cara, quando eu estou num grupo de amigos, a gente está tomando uma cerveja, to festando, estou com o meu namorado, ele [o celular] está ali, mas ele está ali, eu não quero que ele esteja aqui. [...] Mas claro, se for a minha mãe ou se for alguma coisa importante, principalmente meus pais, se for eu já atendo e converso, falamos o que tem que ser falado e pronto. (JFMO, 22).

Os entrevistados também disseram que o celular é uma boa ferramenta para manter contato, a qualquer momento, com pessoas que estão longe. Segundo uma aluna,

[...] é toda hora mandando mensagem, toda hora mesmo, de coisas bem detalhistas. O meu celular, depois que eu descobri o WhatsApp, é uma coisa que assim, você conversa com a pessoa toda hora. Então mesmo que você esteja longe, alguma coisa que acontece aqui a pessoa já está sabendo até antes de uma pessoa que está do meu lado. (AMSL, 29).

Mesmo tendo essa possibilidade de comunicação constante, os alunos contaram que procuram não ficar trocando mensagens por celular enquanto estão na companhia de um grupo de amigos ou familiares e que se sentem incomodados quando alguém que está em sua companhia age dessa forma. Eles apontam que

Pesquisadora: *Hoje, com toda essa tecnologia móvel de comunicação, algumas pessoas misturam muito a vida real com a virtual. O que você pensa sobre isso?*

JFMO, 22: *Eu concordo. Meu namorado é uma dessas pessoas. Eu acho que o que está aqui [mostrando o celular], está aqui, o que eu estou vivendo é outra coisa. O telefone dele é um Galaxy S3, aí eu adorei quando ele quebrou, me senti tão feliz! Cá entre nós, eu me senti feliz, porque é tão chato a pessoa estar lá e [escrever]: Ah, estou aqui em tal lugar. Ou ficar postando, não precisa.*

Pesquisadora: *Quando você está reunido com seus amigos, tem costume de ficar respondendo o WhatsApp ou olhando o Facebook?*

FAR, 27: *Não, muito pouco. Acho que usa muito o WhatsApp para se combinar, a hora que está todo mundo chegando ou indo ou perguntando se vai demorar, mas durante uma noite eu não olho muito.*

Pesquisadora: *E você tem amigos que tem esse costume? O que você acha disso?*

FAR, 27: *Tenho! Eu fico zoando. Até de vez em quando eu mando uma mensagem para brincar: “vamos conversar, vem pro mundo real”. Eu acho que isso é um pouquinho vício, porque a pessoa ao invés de interagir pessoalmente fica lá atrás do celular. A hora que sai, eu acho meio abusivo, compulsivo o comportamento. Eu acho estranho.*

A tentativa de dar mais atenção às pessoas que estão próximas do que àquelas que se fazem presente através do celular, vai ao encontro da visão de Lipovetski e Charles (2004, p.82), segundo eles, “o ciberespaço virtualiza a comunicação, mas a imensa maioria aprecia os eventos ao vivo, as festas coletivas, as saídas com amigos.”.

Sendo assim, o que se percebeu na realização da pesquisa foi que os dispositivos e ferramentas de comunicação móvel contribuem – juntamente com outros elementos – na manutenção dos vínculos criados por esses estudantes, e, apesar dessas ferramentas possibilitarem um estar junto mesmo quando se está distante, os alunos dão mais importância para o estar junto físico, face a face. E melhor do que qualquer explicação que a pesquisadora possa dar em relação a esse assunto, é o desabafo de um aluno sobre as relações mediadas por celular e Facebook:

Eu não quero ninguém falando que me ama pelo Facebook, eu não quero ninguém gostando de mim pelo Facebook, eu não quero ninguém fazendo publicação com o meu nome no Facebook. Eu quero que as pessoas estejam do meu lado e se façam presentes quando necessário. Eu quero que ele me dê colo, que ele me dê atenção, que converse comigo, que me conte as coisas, quero que ele me dê o peito para eu chorar, assim como eu vou estar pronto o tempo todo para dar o peito quando ele quiser chorar; eu quero dar conselhos e brigar, eu não quero ficar mandando mensagem por celular. [...] Meu Facebook é um artifício, acho que ninguém que está ali vai sentir o meu Paco Rabanne novo, nem ver o que eu estou calçando, nem conversar comigo pessoalmente, ou saber quão longa ou curta pode ser a minha conversa, eu acho que é uma coisa muito artificial, eu prefiro as relações reais. (JFMO, 22).

CONSIDERAÇÕES

Este estudo permitiu perceber que ainda é cedo para afirmar que Sinop é, em sua plenitude, uma cibercidade, ela pode ser uma cibercidade em potencial. Essa afirmação é feita a partir da compreensão – baseada em Souza e Jambeiro, 2005 – de que uma cibercidade consiste na fusão entre espaços físicos e virtuais e na substituição das funções clássicas das cidades por funções e serviços realizados a partir da internet. É importante compreender que mesmo a internet se fazendo necessária no dia a dia das pessoas, a fusão entre cidade e ciberespaço está se dando de uma forma tímida.

Apesar do fácil acesso à internet, os estudantes não se mostraram muito adeptos a essa fusão ou migração para a utilização de serviços prestados no ciberespaço, disseram que, no máximo, fazem algumas compras pela internet. Então, não há como uma cidade adquirir características de cibercidade sem que haja uma demanda social para isso.

A pouca utilização da internet para o pagamento de contas, compras ou outro serviço, não quer dizer que os alunos entrevistados estejam alheios ou que não usufruam das possibilidades e mudanças trazidas pela cibercultura, afinal o ciberespaço e os equipamentos e ferramentas de comunicação têm participação significativa na vida deles.

Essas mídias – destacando aqui os celulares, o Facebook e o aplicativo WhatsApp – facilitam a comunicação entre os alunos e as pessoas próximas a eles, ou seja, mediam as práticas sociais a medida em que auxiliam na manutenção dos vínculos sociais, pois eles possibilitam o estar junto, mesmo que distante, a qualquer momento. Além disso, o Facebook também é utilizado por eles como ferramenta de trabalho e como meio de obtenção de notícias.

Ao longo das conversas com os estudantes, constatou-se que além dos recursos tecnológicos citados anteriormente, os momentos de reunião, lazer, confraternização e o comer junto contribuem no que diz respeito à manutenção de vínculos. E que por mais que a tecnologia possibilite uma maneira de se estar junto de pessoas que estão longe, eles querem e preferem os encontros físicos, o estar junto face a face.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEMOS, A. Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva. In: LEMOS, A. (Org). Cibercidade. **As cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora e-papers, 2004a. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/modelo.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

_____. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. **Galáxia**, São Paulo, n. 8, out. 2004b.

_____. **Ciber-Cultura-Remix**. 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

_____. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In: MÉDOLA, A.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. (Org.). **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 277-293. Disponível em: <<http://www.andrelemos.info/artigos/territorio.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

_____. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____, P. Pela ciberdemocracia. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 367-384.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Bacarolla, 2004.

MAFFESOLI, M. Pós-modernidade. **Comunicação e Sociedade**, Braga, vol. 18, p. 21-25, 2001. Disponível em: <<http://www.lasies.uminho.pt/OJS/index.php/comsoc/article/view/982/939>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

_____. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 57-86.

NICOLACI-DA-COSTA, A. Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. In: ROCHA, E. *et. al.* (Org.). **Comunicação, Consumo e Espaço Urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

PELLANDA, E. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In: LEMOS, A.; JOSGRILBERG, F. **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias**

móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, J. M. da. Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da Comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 25, p. 43-48, dez. 2004. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/401>>.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, L.; JAMBEIRO, O. **Cidades informacionais**: as cidades na era da informação. 2005. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/LeandroSouza.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2012.